



O Design do Averso: um referencial teórico para discutir design de ativismo e sexualidade

Design inside out: a theoretical framework to discuss design activism and sexuality

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar o design ativista, que têm como fundamento manifestações político-culturais, e está ancorado no design autoral. O artigo propõe a utilização da temática *sexualidade* como tema de projeto gráfico de futuros cartazes ativistas os quais pretendem buscar o posicionamento de uma identidade homossexual. Para isto, o texto referencia os estudos da Teoria *Queer* e as discussões de Foucault em “A História da Sexualidade” (1999).

Palavras chaves: Design Ativista; Design Autoral; Sexualidade e Homossexualidade.

Abstract

This paper focus on design activism, founded on political-cultural manifestations and anchored in authorship design. The paper proposes to use sexuality as theme of the graphic project of future activist posters which seek the positioning of a homosexual identity. For such, it uses as references studies of the Queer Theory and the discussions presented by Michel Foucault in “The History of Sexuality” (1999).

Keywords: Design Activism; Authorship Design; Sexuality and Homosexuality.

Considerações Iniciais

Este artigo é a primeira etapa de uma pesquisa que questiona uma das áreas do design autoral, o design de ativismo, a partir da definição de design de ativismo de Michael Rock (1996), dos estudos da sexualidade de Michel Foucault e da Teoria Queer.

Design Autoral

Em 1968, Roland Barthes escreveu *A morte do Autor* (1968) onde discorre sobre a não importância de quem escreve, pois toda a significação do texto se daria pela interpretação do leitor e não pela intenção do autor. Barthes diz que é naquele que recebe a mensagem que se encontra o espaço de tradução daquilo que está contido no escrito.

No ano seguinte, Foucault intitula o livro que questionaria e acrescentaria à teoria de Barthes. Em “O que é um Autor?” (1969) são delineadas as características básicas e as funções do autor, bem como os problemas associados às ideias convencionais de autoria e criação (ROCK, 1996, tradução nossa).

As duas teorias tornaram-se basilares para muitas outras e, três décadas depois, o designer Rock publica na revista *Eye* *The designer as author* (1996), que trata da autoria no design gráfico. No decorrer do texto, é exposta a Teoria do Autor, criada pelo crítico e diretor de cinema François Truffaut e especialmente desenvolvida por Andrew Saris. Acerca desta, Rock (1996) determina que, para um diretor ser considerado autor, “deve-se demonstrar destreza técnica, ter assinatura estilística perceptível ao longo de vários filmes e mostrar uma visão subjetiva consistente quanto à escolha dos projetos e do tratamento cinematográfico”. Dadas as semelhanças entre diretores de filme e designers (dentre elas, o trabalho em grupo ao longo da carreira e a grande variação de potencial criativo), Rock aplica a Teoria do Autor no design gráfico. Destreza técnica pode ser reivindicada por vários designers, porém quando atrelada à assinatura estilística, as possibilidades se reduzem. Mas não são somente essas duas características que definem o autor. Ainda há um empecilho no que se refere ao terceiro critério. O aspecto da subjetividade, por ser intangível, tem feito a Teoria do Autor se tornar inferior nos círculos da crítica do cinema. Mesmo essa teoria parecendo obsoleta, seus efeitos ainda vigoram: o diretor permanece no centro da percepção na estrutura do filme. Da mesma forma, é possível que, sem que se perceba, venha sendo aplicada uma teoria do autor modificada no design gráfico.

Design de Ativismo

Ao observar a sociedade atual, percebem-se lutas por reconhecimento iniciadas em diferentes movimentos sociais. Atualmente alguns autores os dividem e pretendemos delinear nossa pesquisa a partir da conexão com os movimentos identitários e culturais de gênero (homossexuais).

Muitos estudos foram desenvolvidos em relação ao design ativista e, no decorrer do tempo, percebeu-se tal modelo do design autoral em vários âmbitos. Segundo o texto introdutório do congresso “Design Activism and Social Change”:

O design ativista emergiu recentemente como um termo denotador de práticas criativas que evocam atividades políticas, sociais e ambientais.

Naturalmente, ele se afasta das correntes comerciais e que se dedicam a abordagens massificadas. Em vez disso, abraça o marginal, o não-lucrativo e as teorias, articulações e ações de design politicamente engajadas. Sem dúvida, o ‘design ativista’ é uma resposta às conjunturas contemporâneas particulares de mudanças geopolíticas, condições sociais, práticas econômicas e desafios ambientais (DESIGN activism and social change, 2011, tradução nossa).

Alguns momentos históricos foram importantes para o design ativista, como as décadas de 1960 e 1970, marcadas por revoltas estudantis na Europa, pela abertura à discussão da sexualidade e das questões de “raça” nos Estados Unidos, e pelo fortalecimento da ditadura militar no Brasil, por exemplo.

Inaugurado em 1968 na França, O Atelier Populaire é um exemplo de grupo que trabalhava o design de ativismo. A necessidade de transmitir ideias e de se tornarem parte ativa da população fez com que os estudantes estreassem um movimento criativo fortemente organizado. Dois anos após o surgimento do Atelier Populaire, é fundado o grupo Grapus por Pierre Bernard, Gérard Paris-Clavel e François Miehé. Em entrevista à revista Eye, Bernard afirma que “A ideia era de formar um grupo de produção, um coletivo artístico, para criar imagens de alta qualidade para a luta política do Partido Comunista Francês. Envolveria um comprometimento gráfico e político” (BERNARD, 1991, tradução nossa).

A partir do contexto referenciado, pretendemos trabalhar a questão do design autoral ativista relacionado ao movimento identitário de gênero, no caso, o dos homossexuais. Para aprofundar este estudo, nos apoiaremos nos estudos da Teoria Queer e na “História da Sexualidade” de Foucault (1999).

Sexualidade por Foucault

Foucault dá o nome de “dispositivo da sexualidade” àquilo que é entendido como “práticas discursivas e não discursivas, saberes e poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer ‘verdades’ a respeito do corpo e seus prazeres” (MADLENER; DINIS, 2007, p. 50). A influência deste se dá em quaisquer indivíduos que dele não se desprendam, homossexuais ou heterossexuais. O dispositivo da sexualidade tende a determinar os parâmetros da sociedade e é nesse contexto que, por volta de 1870 segundo Foucault, o homossexualismo surge historicamente.

Ao perceberem a necessidade e a busca pelo entendimento de seus desejos, os homossexuais procuraram maneiras de reagir iniciando uma produção de discursos sobre si mesmos, tendo como principal meio a literatura. Foucault declarou esses movimentos como essenciais para a afirmação dos homossexuais, porém de uma maneira diferente daquela determinada pelo dispositivo da sexualidade (MADLENER; DINIS, 2007).

Após o início da reação ou resistência, o poder passa a se utilizar daquilo que foi “rebelde” ou “alternativo”. E, assim, retoma o controle sobre o corpo e o ser, no caso homossexual, e torna consumível aquilo que foi utilizado como reação à imposição. “Talvez como ponto fundamental para a discussão sobre os movimentos homossexuais organizados esteja a questão da identidade homossexual” (MADLENER; DINIS, 2007). Em uma de suas entrevistas, Foucault manifesta uma inquietação relacionada ao problema principal da homossexualidade que de acordo com ele não deveria ser “Quem

sou eu? Qual o segredo do meu desejo?” (FOUCAULT, 2005, p.1), mas sim: “Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?” (FOUCAULT, 2005, p.1). A sua preocupação no que concerne à criação de um modo de vida que vai além das questões sexuais fica clara, tal qual o cunho fluído que, para ele, uma identidade deveria ter (MADLENER; DINIS, 2007).

Segundo Miskolci, existe uma regra baseada no dispositivo da sexualidade que impõe a heteronormatividade. Essa regra exprime “as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade” (MISKOLCI, 2009, p. 156). A partir do conceito heteronormativo, segundo Madlener e Dinis (2007), Foucault apresenta alternativas para o desenvolvimento de “um modo de vida homossexual”.

Teoria Queer

Na década de 1980, os estudos queer surgem em forma de uma corrente teórica que questiona as maneiras comuns de entender as identidades sociais. Estes estudos irrompem da união do pós-estruturalismo francês e uma vertente da filosofia e estudos culturais norte-americanos.

A palavra inglesa queer remete a excêntrico, anormal ou esquisito, e também é utilizada de forma depreciativa e homofóbica para denominar homossexuais masculinos e lésbicas. Hoje em dia, o queer é utilizado tal qual um conceito guarda-chuva que abarca o grupo da cultura sexual marginalizada, que se autorreconhece como queer, “outras vezes para descrever a nascente teoria que tem se desenvolvido distante dos estudos mais tradicionais sobre gays e lésbicas” (PINO, 2007, p. 161).

Portanto, a teoria queer tem como objeto os sujeitos que não se ajustam às matrizes de inteligibilidade de gênero, que são aquelas que mantêm “e instituem relações de coerência e continuidade entre o sexo, gênero, desejo e prática sexual”(PINO, 2007, 161).

Considerações finais

Diante da presente contextualização das questões que se constroem em torno da homossexualidade, abordamos esta temática para a criação de um manifesto social ancorado na conscientização da identidade homossexual, através do design ativista. Nesse primeiro momento do projeto, construímos o referencial teórico engajado em estudos da Teoria Queer e nos estudos de Foucault. A segunda fase será construída a partir do amadurecimento desta questão e dos cartazes autorais.

Referência Bibliográfica

BERNARD, Pierre. **For two decades, Grapus were the guerrillas of graphic design. Now they have split. Eye talks to the founder of the new Atelier de Création Graphique.** Entrevista de Pierre Bernard a Rick Poynor. Latest Issue Eye 82 out now, no. 3 vol. 1, 1991. Disponível em: <<http://eyemagazine.com/feature.php?id=12&fid=35>>. Tradução nossa, acesso em: 06 Mar. 2012.

DESIGN History Society Annual Conference, **Design Activism and Social Change.** Universitat de Barcelona and Associació de Disseny Industrial del Foment de les Arts i del Disseny, Barcelona, Spain, 8-10 September, 2011. Disponível em: <<http://www.historiadeldisseny.org/congres/>>. Tradução nossa, acesso: 06 mar. 2012

FOUCAULT, Michel. **Da amizade como modo de vida.** De l'amitié comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Gai Pied, [S.l.], n. 25, p. 38-39, abr. 1981. Disponível em: <<http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2012.

MADLENER, Francis; DINIS, Nilson Fernandes. **A Homossexualidade e a Perspectiva Foucaultiana.** Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 19 - n. 1, p. 49-60, Jan./Jun. 2007.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização.** Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

PINO, Nádía Perez. **A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos.** Cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007:149-174.